

CARTOGRAFIA DISCURSIVA DAS FORÇAS QUE MOVIMENTAM AS PRÁTICAS POLÍTICAS CURRICULARES E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NOS DOSSIÊS DA ABdC PUBLICADOS NA E-CURRICULUM

SILVA, Sandra Kretli da *

MOREIRA, Priscila dos Santos **

RESUMO

Este artigo objetiva capturar os enunciados expressos nos dossiês da Associação Brasileira de Currículo (ABdC), publicados na Revista *e-Curriculum*, no período de 2012 a 2016, por meio de um acompanhamento cartográfico discursivo que permeia as forças que afetam as *práticas políticas* curriculares. Dialoga-se com a filosofia da diferença como potência para a análise dos complexos fios que tecem essas enunciações. Aponta-se que, dos 50 artigos selecionados, 46% estão inseridos na abordagem teórico-epistemológica pós-crítica, 26% na crítica, 28% são artigos híbridos provenientes da mistura dessas duas vertentes. Quanto às abordagens metodológicas, enfatiza-se o predomínio dos estudos documental-bibliográficos e dos ensaios, seguidos das pesquisas que utilizam as narrativas/conversas e as de cunho documental-bibliográfico associadas às pesquisas de campo que usam a entrevista como instrumento metodológico. As palavras-chave e os conceitos que mais apareceram nos dossiês foram: currículos, formação de professores e políticas. Entre os artigos escritos por brasileiros, evidencia-se a Região Sudeste (65%), expressivamente por meio da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) como local de filiação institucional predominante dos autores. Em seguida, vêm as Regiões Sul e Nordeste do país, que ocupam respectivamente 18% e 16% desse índice. Identificam-se Stephen Ball, Alice Casimiro Lopes, Ernesto Laclau, Nilda Alves, Inês Barbosa de Oliveira, Elizabeth Macedo, Michel de Certeau e Michel Foucault como as referências mais citadas nos artigos. À guisa de conclusão, enfatiza-se o pensamento-diferença entre agenciamentos coletivos como potência para problematizar as *práticas políticas* curriculares.

PALAVRAS-CHAVE: Currículo. Práticas discursivas. Políticas de currículo. Formação de professores.

* Professora do Departamento de Teorias do Ensino e Práticas Educacionais da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa, inscrito no CNPq, “Currículos, Culturas, Linguagens e Formação de Professores”. E-mail: <sandra.kretli@hotmail.com>.

** Pedagoga do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (Ifes). Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Ufes. Integra o Grupo de Pesquisa, inscrito no CNPq, “Currículos, Culturas, Linguagens e Formação de Professores”. E-mail: <moreira-priscila@hotmail.com>.

*DISCURSIVE CARTOGRAPHY OF THE FORCES THAT MOVE THE CURRICULAR
POLITICAL PRACTICES AND TEACHERS' TRAINING WITHIN ABdC PORTFOLIOS
PUBLISHED IN THE E-CURRICULUM*

SILVA, Sandra Kretli da *

MOREIRA, Priscila dos Santos **

ABSTRACT

This paper aims at capturing the assertions expressed in the Associação Brasileira de Currículo – Curriculum Brazilian Association (ABdC) portfolios, published in the e-Curriculum Journal, in the period from 2012 to 2016, through a discursive cartographic follow-up that permeate the forces that affect the curricular political practices. It dialogues with the difference philosophy as potency to analyze the complex threads that weave these enunciations. The study indicates that, out of the 50 selected papers, 46% are inserted in the post-critical theoretical-epistemological approach, 26% in the criticism, 28% are hybrid papers resulting from the mixture of those two strands. Concerning the methodological approaches, the work highlights the predominance of documental-bibliographic studies and essays, followed by the researches that use narrative/conversations and the ones with documental-bibliographic intent associated to the field research that use interviews as methodological instrument. The keywords and concepts that stood out in the portfolios were: curriculums, teacher education and policies. Among the papers written by Brazilian authors, the Southeast region is expressively emphasized (65%), through the State University of Rio de Janeiro (UERJ), as the predominant institutional affiliation location of the authors. Thereafter, the South and Northeast region of the country respectively occupy 18% and 16%. The study identifies Stephen Ball, Alice Casimiro Lopes, Ernesto Laclau, Nilda Alves, Inês Barbosa de Oliveira, Elizabeth Macedo, Michel de Certeau and Michel Foucault as the most quoted references in the papers. In conclusion, the thinking-difference among collective services is highlighted, as potency in order to discuss the curricular political practices.

KEYWORDS: Curriculum. Discursive practices. Curriculum policies. Teacher education.

* Professor at the Department of Teaching Theories and Educational Practices of the Federal University of Espírito Santo (Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes). Researcher of the CNPq Research Group, "Curricula, Cultures, Languages and Teacher Education" ("Currículos, Culturas, Linguagens e Formação de Professores"). E-mail: <sandra.kretli@hotmail.com>.

** Pedagogue of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Espírito Santo (Instituto Federal do Espírito Santo - Ifes). PhD student in Education at the Postgraduate Program in Education (PPGE) at Ufes. Student of the CNPq Research Group, "Curricula, Cultures, Languages and Teacher Education" ("Currículos, Culturas, Linguagens e Formação de Professores"). E-mail: <moreira-priscila@hotmail.com>.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é parte integrante de um projeto mais amplo: “Práticas discursivas sobre currículo da comunidade acadêmico-científica vinculada às associações do campo e propagada em periódicos nacionais e internacional”.ⁱ O objetivo do projeto é cartografar relações entre as práticas discursivas sobre currículo, partindo de enunciados discursivos de autores manifestados em periódicos nacionais e internacionais, vinculados ao campo curricular, com a intenção de estabelecer relações de vizinhança e/ou de afastamento entre eles.

Desse modo, a pesquisa maior intenta compor com as tramas diagramas e redes que, no período analisado, engendram “regimes de verdade”, entendendo, com Foucault (1979), que a verdade está ligada aos sistemas de poder que a produzem e aos efeitos de poder que a reproduzem. Assim, os discursos são imbricados com as relações de poder e tecidos na e com as instituições que os difundem, mediante aparelhos políticos e econômicos, entre outros.

Com essa premissa, cada regime de verdade é composto por discursos acolhidos como verdadeiros e também por discursos considerados falsos, falas (não) sancionadas e códigos que podem delimitar o que é a verdade. Nesses regimes, incluem-se os processos de produção de subjetividade e práticas discursivas e não discursivas que incidem nas perspectivas curriculares defendidas. Essa produção de subjetividade, em conformidade com Guattari (2012), não é entendida como essência imutável, pois é formada a partir de agenciamentos de enunciação. Ou seja, a subjetividade não é centralizada no indivíduo, mas é produzida nos encontros que experimentamos com o outro (livros, pensamentos, teorias, pessoas, natureza etc.) que nos afeta.

Especificamente, este estudo buscou capturar as enunciações, a partir do diálogo com a filosofia da diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari, evidenciadas nos dossiês da Associação Brasileira de Currículo (ABdC),ⁱⁱ publicados na Revista *e-Curriculum*, no quinquênio 2012 a 2016,ⁱⁱⁱ por meio de um acompanhamento cartográfico discursivo que permeou os fluxos e as forças que afetam as *praticaspolíticas*^{iv} curriculares entre os complexos fios que tecem essas singulares e múltiplas enunciações.

A Revista *e-Curriculum* é do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Possui qualificação A2 (Qualis) pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e publica

=====

quadrimestralmente (março, junho, setembro e dezembro). A partir de 2012, um desses volumes vem sendo organizado como dossiê da ABdC.

Inicialmente, as estratégias metodológicas transcorreram da seguinte forma: separação dos artigos publicados nos volumes organizados pela ABdC, mapeamento das vinculações institucionais dos autores e análise do posicionamento teórico-epistemológico engendrado aos agenciamentos que compõem as *praticaspolíticas* curriculares em suas diferentes perspectivas.

Secundariamente, identificamos diversas abordagens metodológicas – categorizando-as conforme as frequências – e elencamos as obras dos autores mais citados nas referências bibliográficas. Posteriormente, enfocamos os diferentes eixos e temáticas que compõem o debate curricular, considerando os macrocampos de cada dossiê, as palavras-chave dos resumos e os termos e os conceitos principais que fundamentaram os artigos.

Por fim, entre as ressonâncias dos conceitos de *currículo*, *formação de professores e políticas*, dialogamos com Gilles Deleuze e Felix Guattari para problematizar algumas das diversas enunciações discursivas que perpassam as vertentes epistemológicas evidenciadas no macrocampo curricular buscando fazer deslizar os fluxos e as forças evidenciados.

Desse modo, esse acompanhamento cartográfico discursivo foi produzido a partir: do inventário de fontes, da catalogação e da classificação dos materiais bibliográficos; da análise do conteúdo dos campos selecionados; da síntese das bases teórico-epistemológicas realizada nos estudos; e das relações e do entrecruzamento dos dados situados nas problematizações desta pesquisa e nas possibilidades de criar diálogos possíveis com a filosofia da diferença.

Com Deleuze e Guattari (1997), defendemos que os agenciamentos produzem os enunciados, e estes não têm por causa um sujeito que agiria como sujeito da enunciação. Nesse embasamento, o enunciado – produzido pelos agenciamentos de componentes heterogêneos – é sempre coletivo, coengendrando as populações, as multiplicidades, os territórios, os devires, os afetos e os acontecimentos.

Nesse sentido, o conceito de agenciamento relaciona-se com o conceito de máquinas desejanças, ao compreendermos que os desejos são produzidos nos encontros que neles são agenciados. No campo curricular, são enredados e entrecruzam-se agenciamentos de máquinas desejanças que reproduzem enunciações, a partir de regimes de verdade, e/ou inventam processos de fuga dos territórios fixados por meio de diferenciações nos modos de

estar currículo, de estar professor, de fazer políticas, de aprender, de ensinar e de conceber a diferença – que permeia esse processo – como o próprio *motor da criação* (DELEUZE, 1988).

Os agenciamentos podem coadunar com linhas enrijecidas, escorregadias e *linhas de fuga*. Há agenciamentos sociais, definidos por códigos específicos, que se caracterizam por uma forma relativamente estável/reprodutiva, dogmática e que mantém regimes de verdade historicamente construídos nos territórios fixados, reduzindo, assim, o campo de experimentação do desejo a caixas preestabelecidas e a processos (re)territorializantes. Entretanto, os modos de resistir à reprodução desses agenciamentos sociais podem introduzir dissonâncias entre experimentações que “fazem fugir” o agenciamento estratificado em composição com outras possibilidades de produção de subjetividades nos processos *desterritorializantes* (DELEUZE; GUATTARI, 1996).

Desse modo, neste estudo, focalizamos o movimento do pensamento entre as enunciações no campo curricular, enfatizando a noção de “ideia” que, conforme Deleuze, diferentemente da noção dominante que perpassa o *platonismo* e os enquadramentos da representação idealista, não é *um a priori*, não está dada, mas há de ser produzida, inventada, experimentada, movimentada. Com essa premissa, propagamos a ideia de currículo-problematização como espaços de pesquisa-criação e de encontros com conhecimentos díspares que escapem às reproduções de *pensarpraticar* educação, ciência, currículo, formação de professores e política.

2 PRIMEIRO MOVIMENTO: ENTRE TERRITÓRIOS EPISTEMOLÓGICOS E VINCULAÇÕES INSTITUCIONAIS DOS AUTORES

No primeiro ano de publicação da ABdC na Revista *e-Curriculum*, em 2012 (v. 4, n. 2), a temática *Currículos: políticas e cotidianos* reuniu oito artigos. No ano seguinte, nove artigos compuseram o dossiê intitulado *Políticas de responsabilização, gerencialismo e currículo* (v. 11, n. 2). Em 2014, o tema *Debates em torno das ideias de Bases Curriculares Nacionais* (v. 12, n. 2) agrupou 13 artigos e, em 2015, a compilação da ABdC (v. 13, n. 4), com o título *Formação docente frente às políticas no cenário de centralização curricular*, reuniu dez artigos. No último ano selecionado, dez pesquisas foram publicadas fazendo menção ao movimento de resistência que deu nome à edição coordenada pela Associação:

=====

Aqui já tem currículo: produções e experiências educativas pelo direito à diferença e à justiça social e cognitiva (v. 14, n. 4). Desse modo, neste estudo, 50 artigos foram analisados em sua integralidade.

Desses artigos, oito foram produzidos por autores de outros países. Metade desse índice (quatro) é referente especificamente aos Estados Unidos e os demais são: um da Austrália, um da Suécia, um de Portugal e um em que um dos autores é de Portugal e o outro é do Brasil. Considerando apenas os artigos provenientes de autores com filiações institucionais brasileiras (42), identificamos que 66% são da Região Sudeste, com predominância maciça do Rio de Janeiro – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Minas Gerais e Espírito Santo possuem representatividade nesse quesito com apenas um artigo em cada estado. Cabe salientarmos que, apesar da *e-Curriculum* pertencer a um programa de Pós-Graduação localizado no Estado de São Paulo, no que tange aos dossiês da ABdC, a participação desse estado não foi evidenciada. Importa enfatizarmos, ainda, que uma das autoras de um dos sete artigos internacionais aqui citados também tem vínculo com uma instituição localizada na Região Sudeste (Uerj).

Os dados apontaram que 18% das pesquisas possuem autores que atuam em instituições localizadas na Região Sul. O Rio Grande do Sul é o estado de maior destaque nessa vinculação, sendo representado pelas seguintes instituições: Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E, também, os artigos foram escritos por mais de um autor, com vínculos em diferentes instituições, entretanto localizadas no mesmo estado (UFPel e UFRGS); UFPel e Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc) e UFRGS.

Aproximadamente 16% dos autores estão vinculados a universidades situadas na Região Nordeste (em 2 artigos dessa fatia as autoras possuem vínculo de trabalho nessa região; contudo, a pesquisa de doutoramento foi orientada no Programa de Pós-Graduação da Uerj). É imprescindível comentar que, em nenhum dos artigos publicados, o(a) autor(a) possuía vínculo com quaisquer instituições localizadas em algum dos estados das Regiões Centro-Oeste e Norte.

No Gráfico 1, podemos visualizar a vinculação institucional dos autores distribuídos por regiões do país:

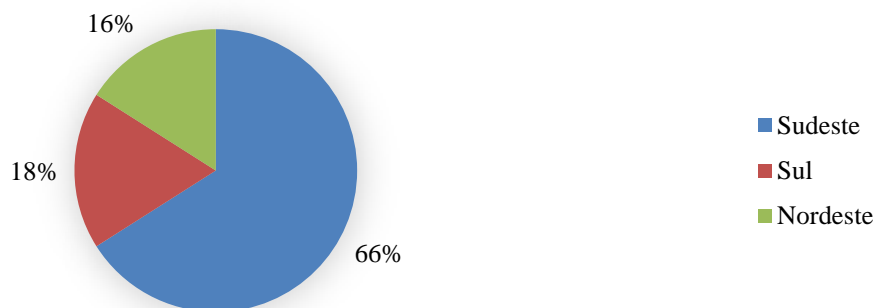


Gráfico 1 – Vinculação institucional dos autores por regiões do Brasil

Fonte: Elaborado pelas autoras (2018) com base nos dados do dossiê da ABdC publicado na revista *e-Curriculum* (2012-2016).

Enfatizamos que a dominância do Rio de Janeiro (RJ), quanto à procedência dos autores, destaca-se neste primeiro marco de análise, pois, dos 50 artigos, quase a metade foi escrita por pesquisadores filiados a instituições localizadas nesse estado: dezesseis desses artigos foram escritos por autores com vínculos institucional com Uerj, e os demais por autores com vínculo com a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

No segundo movimento desta primeira parte da pesquisa, buscamos as bases teórico-epistemológicas ressaltadas a partir da frequência dessas teorias e as apresentamos por meio das seguintes categorizações no Gráfico 2:

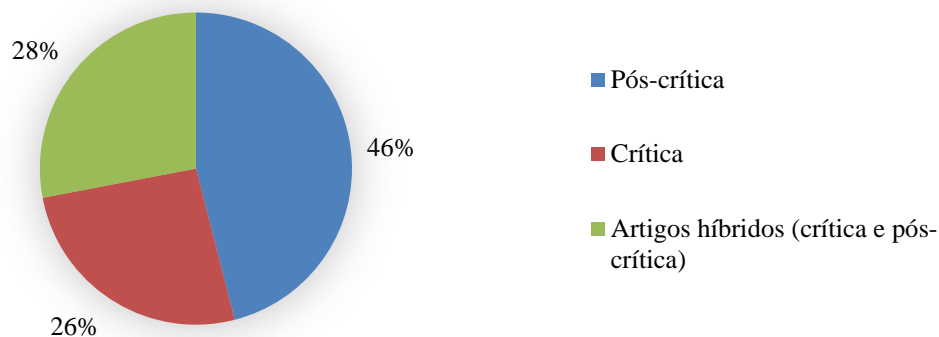


Gráfico 2 – Abordagens teórico-epistemológicas

Fonte: Elaborado pelas autoras (2018) com base nos dados do dossiê da ABdC publicado na revista *e-Curriculum* (2012-2016).

=====

A abordagem teórica, que representa a categoria dominante (46%), é nomeada de *teoria pós-crítica*^v e engloba de modo predominante o *pós-estruturalismo a partir do ciclo de Políticas de Ball* e da *teoria do discurso de Laclau*, secundariamente as *pesquisas com os cotidianos*^{vi}; e, pontualmente, a *filosofia da diferença* entremeada ao *estudo com os cotidianos* e o *pós-colonialismo* com o *estudo com os cotidianos*.

Aproximadamente, um quarto das pesquisas foi realizada a partir de uma abordagem *crítica*^{vii} (com semelhanças e diferenças entre si). No que concerne aos fundamentos epistemológicos dos pesquisadores que publicaram na Revista *e-Curriculum*, no período analisado, percebemos que as teorias críticas e pós-críticas aparecem como produtoras de subjetividades e regimes de verdade no campo curricular no cenário atual, abarcando, separadamente e de modo híbrido, 100% das bases teóricas identificadas nos dossiês publicados na Revista.

Os artigos nomeados como *híbridos*, por dialogarem com a *teoria crítica* e a *teoria pós-crítica*, totalizaram quatorze. Quase metade (seis) deles foi produzida a partir de misturas entre a *teoria crítica* e a *análise do discurso pós-estruturalista de Laclau e Mouffe*, e a outra metade a partir de composições entre *teoria crítica e pós-estruturalismo*, *teoria crítica e estudos com os cotidianos* de vertente *pós-estruturalista* ou *teoria crítica e pós-colonialismo*. Além desses, um artigo, de modo isolado, mesclou o *pós-colonialismo* com a *teoria crítica* e com o *pós-modernismo*; e outro artigo uniu a *teoria crítica* com os *estudos com os cotidianos* de vertente *pós-estruturalista* e a *teoria da complexidade*.

3 SEGUNDO MOVIMENTO: METODOLOGIAS, REFERÊNCIAS E CONCEITOS EVIDENCIADOS

Na segunda parte da análise, identificamos as referências bibliográficas mais frequentes nos artigos publicados e as abordagens metodológicas mais utilizadas. Quanto às referências, inferimos que, das oito mais citadas, metade possui vínculo institucional com a Uerj e as outras quatro estão relacionadas a autores renomados internacionalmente (Stephen Ball, Ernesto Laclau, Michel de Certeau e Michel Foucault).

Em mais de um quarto dos artigos, Stephen Ball aparece como um dos autores mais citados e, em um quinto das publicações, Alice Casimiro Lopes é uma das mais referenciadas. As obras de Ernesto Laclau também são citadas, veementemente, em um

quinto dos trabalhos, assim como as de Nilda Alves. Em seguida, aparecem os textos de Inês Barbosa de Oliveira e, logo depois, os de Elizabeth Macedo, Michel de Certeau e Michel Foucault. Esses quatro últimos autores foram citados de modo evidente em mais de 10% dos artigos. Podemos visualizar a síntese desses aspectos citados no Gráfico 3 que segue.

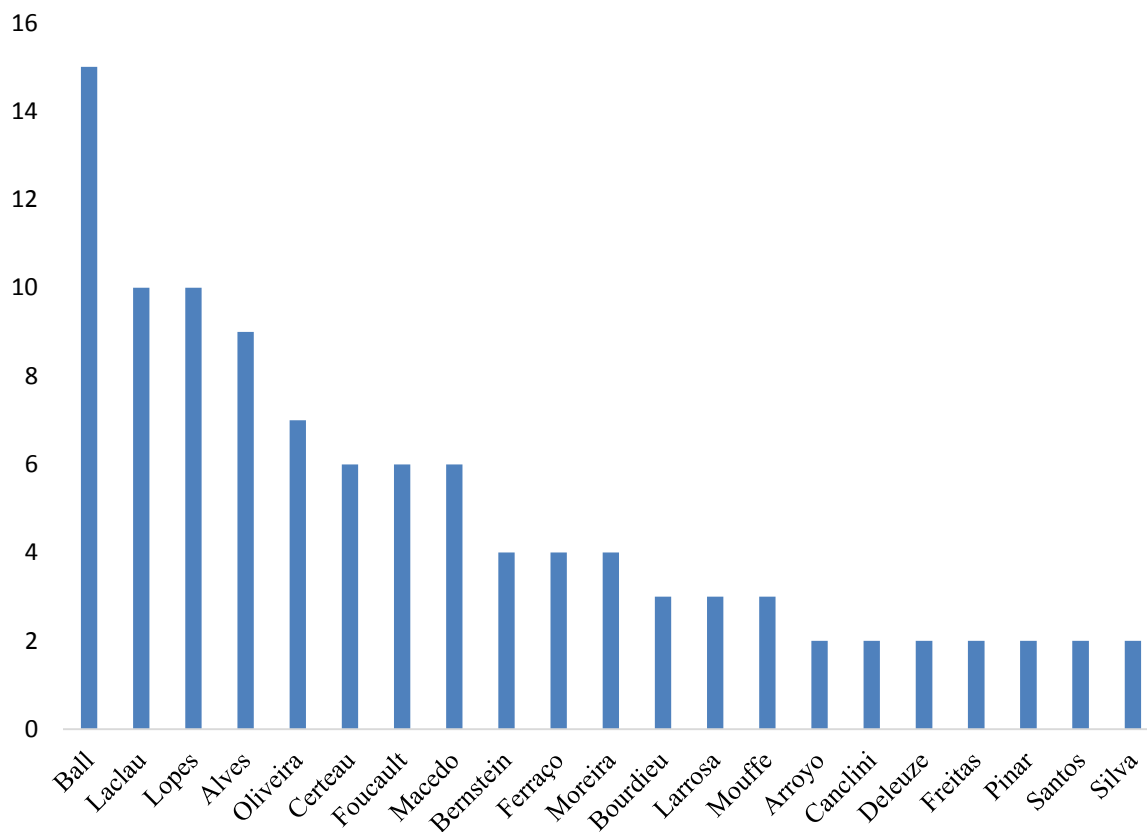


Gráfico 3 – Referências frequentes

Fonte: Elaborado pelas autoras (2018) com base nos dados do dossiê da ABdC publicado na revista *e-Curriculum* (2012-2016).

Nesta segunda fase de análise, apresentamos as abordagens metodológicas utilizadas no desenvolvimento dessas pesquisas. Mesmo com uma diversidade de categorizações (24) percebida na totalidade dos textos, mais de 60% desses artigos compunham apenas uma das três categorias: estudos documental-bibliográficos, ensaios e pesquisas que utilizam as narrativas/conversas como principal procedimento metodológico.

Outro aspecto a ser ressaltado é que, em quase 50% dos artigos publicados, as abordagens metodológicas não envolveram estratégias de pesquisa de campo e foram

=====

catalogadas como: documental-bibliográfica, ensaio, análise do discurso na perspectiva pós-estruturalista e análise do discurso na perspectiva crítica. Podemos visualizar as categorizações metodológicas^{viii} no Gráfico 4 a seguir.

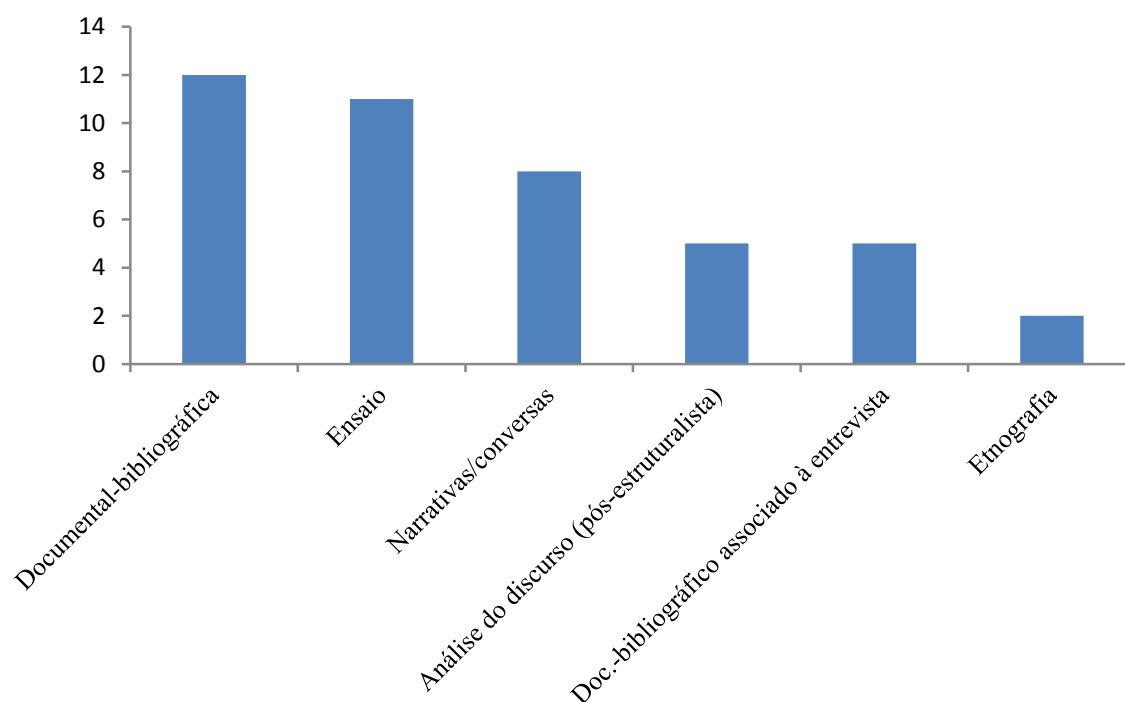


Gráfico 4 – Abordagens metodológicas

Fonte: Elaborado pelas autoras (2018) com base nos dados do dossiê da ABdC publicado na revista *e-Curriculum* (2012-2016).

Considerando que, das 24 abordagens metodológicas, apenas três (supracitadas) foram evidenciadas em mais de 60% dos artigos, ao analisarmos as 21 restantes, percebemos que as estratégias *documental-bibliográfica associada à entrevista* e a *análise do discurso* (de vertente pós-estruturalista) apareceram como destaque. Além das abordagens apontadas no Gráfico 4, outras foram usadas apenas em um artigo cada uma: *análise do discurso na perspectiva crítica*; *pesquisa que utilizou somente questionário*; *pesquisa que utilizou somente entrevista*; *etnografia pós-crítica imbricada à análise do discurso pós-crítico*; *abordagem múltipla*;^{ix} e *abordagem não identificada*.^x

No final do mapeamento, analisamos os eixos temáticos, as palavras-chave mais frequentes dos resumos e os conceitos que fundamentaram os artigos como um todo, citados

de modo mais recorrente. No dossiê de 2012, os eixos temáticos evidenciados foram: políticas curriculares, formação de professores e cotidianos. Nos artigos do ano seguinte – que tinham como tema as políticas de responsabilização e o gerencialismo –, a intensidade das pesquisas compôs a tríade: gerencialismo, avaliação e formação docente.

Em 2014, os principais eixos foram: currículo (políticas curriculares), conceitos de currículo comum, cotidiano e Base Nacional Comum Curricular. No ano posterior, formação de professores, centralização curricular, profissionalização docente e políticas curriculares foram os temas ressaltados. Em relação à análise do dossiê do último ano, as temáticas intensificadas nos artigos estavam associadas à ideia de “currículos cotidianos”, como modo de fazer política curricular e a noções de inclusão e diferença.

Ao analisarmos todos os artigos, sem separá-los pelos volumes detalhados, o Gráfico 5 foi gerado:

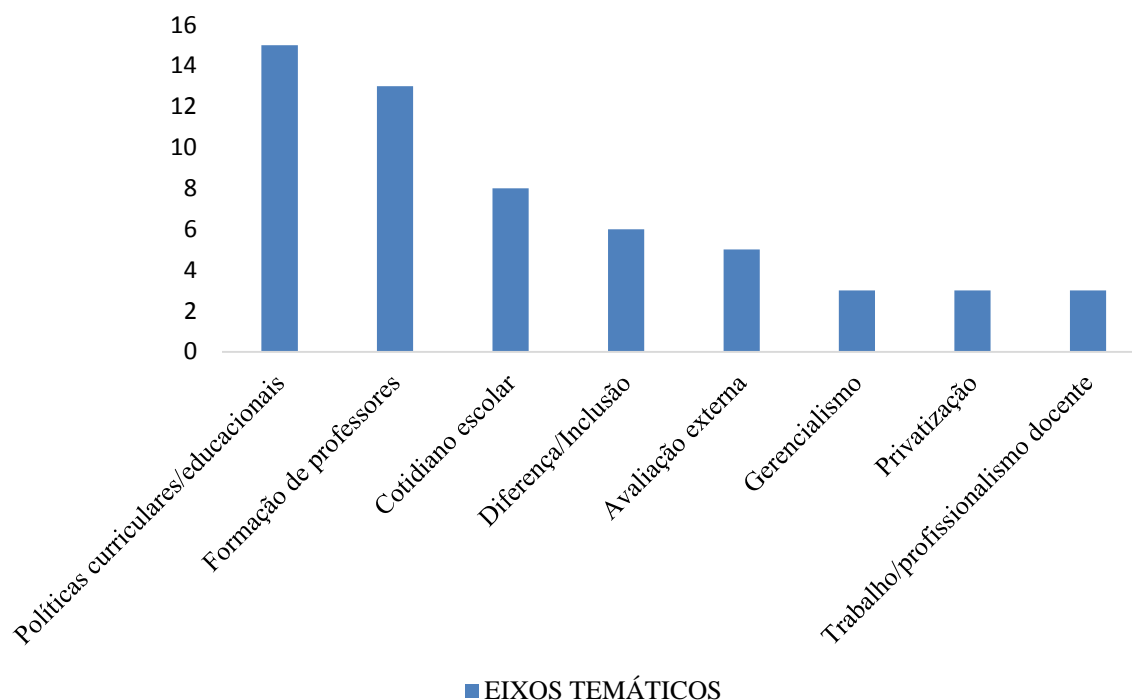


Gráfico 5 – Eixos temáticos

Fonte: Elaborado pelas autoras (2018) com base nos dados do dossiê da ABdC publicado na revista *e-Curriculum* (2012-2016).

Na análise das palavras-chave dos resumos e dos conceitos apresentados com maior força nos artigos, percebemos que as palavras-chave *currículos*, *formação de professores* e

políticas foram evidenciadas. Em quase metade dos resumos, o termo *currículo* apareceu como uma das palavras-chave; em aproximadamente um quinto dos resumos, a expressão *formação de professores* foi colocada como uma das palavras-chave; e o mesmo fato ocorreu em quase um quarto dos resumos, considerando-se a palavra *políticas*.

Essas três palavras-chave (currículo, formação de professores e políticas) também foram os conceitos preponderantes nos artigos. Inclusive o número de artigos em que *políticas* foi identificado como um dos conceitos que alicerçavam o trabalho foi maior do que o próprio número de vezes em que o termo foi utilizado como palavra-chave. Entre os termos e os conceitos principais que fundamentaram os artigos, temos: *currículo, formação de professores, políticas, cotidiano escolar, relatos/narrativas/conversas, trabalho/profissionalismo docente, avaliação, responsabilização e gerencialismo*.

Importa complementarmos que os termos *ciclo de políticas, neoliberalismo, justiça cognitiva, práticas curriculares, trabalho/profissionalismo docente, avaliação, responsabilização e gerencialismo* foram identificados como conceitos fundamentais e termos mais recorrentes em mais de 10% dos artigos. No próximo tópico, a partir das palavras-chave e termos mais recorrentes – *currículos, formação de professores e políticas* – movimentamos o pensamento no campo curricular com a filosofia da diferença, agenciando alguns conceitos dessa base teórico-epistemológica, entre e com as cartografias discursivas.

4 A FILOSOFIA DA DIFERENÇA: POTÊNCIA PARA MOVIMENTAR OS COMPLEXOS FIOS QUE TECEM AS ENUNCIÇÕES

Deleuze e Guattari (1996) afirmam que somos atravessados por duas segmentaridades: uma molar e outra molecular, que são inseparáveis. Elas se distinguem porque não têm a mesma natureza, nem o mesmo tipo de multiplicidade. Em uma organização molar, de segmentaridade dura, podem surgir micropceptos ou afectos de segmentações finas que se distribuem e fazem operações diferentes, ou seja, micropolíticas da percepção, da afecção e da conversa, que produzem fissuras, rasuras e movimentos de *(des)(re)territorializações*.

Desse modo, problematizamos: que encontros têm possibilitado movimentos de pensamentos que provocam/problematizam/mobilizam o campo do currículo e da formação

de professores? Que novos agenciamentos, conceitos, *praticaspolíticas*, ideias, processos de subjetivação são inventados por meio desses encontros com as enunciações expressas nesses textos publicados no periódico *e-Curriculum*?

Deleuze e Guattari (2015), em *Kafka: por uma literatura menor*, apontam que um agenciamento é uma ação maquínica de desejo e, também, é agenciamento coletivo de enunciação. Os autores explicam que uma máquina só é técnica como máquina social e, desse modo, captura homens e mulheres em e entre suas engrenagens. Kafka – em *O foguista* – apresenta a caldeiraria como máquina e não pensa somente nas condições de trabalho alienado, mecanizado, mas, especialmente, considera que os homens e as mulheres fazem parte da máquina em diversos *espaçostempos* com e em seus trabalhos, descansos, protestos, reivindicações, amores e indignações.

Nesse sentido, a máquina é desejo, pois faz incessantemente máquinas na máquina. As novas engrenagens estão sempre sendo constituídas mesmo quando existem engrenagens que se opõem e funcionam de maneiras diferentes, pois são as conexões que fazem as máquinas. Assim, outras problematizações nos afetam: que conexões estão sendo estabelecidas por meio dessas enunciações discursivas para expandir e potencializar os estudos e as *praticaspolíticas* no campo do currículo e da formação de professores? Que subjetividades de professores estão sendo produzidas por meio desses encontros com essas multiplicidades de ideias? A nossa intenção, neste texto é, portanto, movimentar enunciações que nos permitam pensar as políticas curriculares e o campo do currículo e da formação de professores.

Os enunciados expressos nos dossiês organizados pela ABdC e publicados no periódico *e-Curriculum* também fazem parte da máquina e, de algum modo, constituem-se conforme regras e manuais de instruções. No entanto, são as diferenças de enunciados que desmontam e reconstroem novas engrenagens e novas máquinas. Procuramos capturar as diferenças nos enunciados a fim de entender de que modo novas enunciações se desenham no campo curricular e na formação de professores, compreendendo, com Deleuze e Guattari (2015, p. 150-151), que o enunciado

[...] não remete jamais a um sujeito. Ele não remete mais a uma dupla, ou seja, a dois sujeitos dos quais um agiria como causa ou sujeito de enunciação, e o outro como função ou sujeito de enunciado. Não há um

=====

sujeito que emite um enunciado, nem um sujeito cujo enunciado seria emitido. É verdade que os linguistas que se servem dessa complementaridade a definem de uma maneira mais complexa e consideram ‘a marca do processo de enunciação no enunciado’. (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 150-151).

Considerando essa premissa, os enunciados expressos nos textos apresentados pelos pesquisadores no periódico *e-Curriculum* são agenciamentos de enunciação “[...] em um processo que não deixa lugar para um sujeito qualquer assinalável” (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 151), mas possibilita marcar a função dos enunciados, já que estes não existem a não ser como engrenagens de novos agenciamentos, de novos processos de subjetivação, de outras formas de existência.

Para Deleuze (2010, p. 124), é necessário capturar as *coisas* para extrair delas as visibilidades, assim como é preciso “[...] rachar as palavras ou as frases para delas extrair os enunciados”. De que modo a diferença capturada nos enunciados, expressos nos dossiês organizados pela ABdC, potencializa o campo das políticas curriculares e da formação de professores? Esses enunciados afetam novos modos de subjetivação, novas possibilidades de vida, outras formas de *pensarfazer* currículos, formação de professores, de fazer escolas, educação e políticas curriculares?

Deleuze e Parnet (1998) afirmam que é preciso estudar os movimentos de desterritorialização, os *continuums* de intensidade e as conjugações de fluxos que os campos sociais concretos formam. Assim, com os autores, enfatizamos que, do mesmo modo como é composto um agenciamento coletivo, múltiplas pontas de des(re)territorializações atravessam, cortam e escoam compondo uma paisagem provisória na produção do conhecimento curricular.

Desse modo, problematizamos as políticas curriculares que se constituem em movimentos constantes na luta pela significação do que vem a ser currículo: que conexões de fluxos e de forças diversas estão sendo produzidas no campo do currículo? Nas enunciações expressas nos dossiês organizados pela ABdC, percebemos diferentes modos de pensar currículos, com diferentes abordagens teóricas, pois algumas perspectivas e pensamentos teórico-epistemológicos se aproximam, outros se afastam, e outros estabelecem novas conexões.

Entre diferentes enunciações, forças e linhas de composição, buscamos produzir uma experimentação que não visava a afirmar o que os estudos são ou apenas representar as suas enunciações em categorias; contudo, procuramos extrapolar, neste tópico, as quantificações e as classificações de pesquisa feitas anteriormente, por meio da ênfase *no que podem* esses textos, a sua potência, a partir do encontro que agenciamos com essas linhas de forças-formas.

Nesse direcionamento, percebemos que, no dossiê intitulado *Políticas: currículos e cotidianos*, encontramos muitos relatos de pesquisas que apresentam a relação do campo do currículo com a dimensão das políticas e práticas, com os cotidianos escolares e com a dimensão da formação de professores. Essas dimensões atravessaram quase todos os artigos e duas forças foram preponderantes neste primeiro dossiê da ABdC: uma delas estava ancorada na teoria do discurso e no *ciclo de políticas* e a outra nos estudos com os cotidianos.

Na primeira, os autores concebem as políticas públicas como produção contingente, conflituosa, discursiva e dialógica que permite que os sujeitos assumam posições dentro dos discursos em um universo democrático-pluralista completo de lutas e negociações. Esses teóricos afirmam que não existe uma proposição única que consolide as demandas dos diferentes grupos em disputa nas políticas para a formação de professores no Brasil e, nesse direcionamento, defendem que as formulações de Propostas Nacionais para o currículo e para a formação de professores expressam esse confronto, na medida em que os diferentes grupos se mobilizam politicamente para garantir que as suas demandas estejam nos documentos.

A segunda força enfatiza que práticas e políticas não são dimensões separadas. Os autores cotidianistas apontam que práticas são políticas e investem nesse entrelaçamento no entendimento do que é currículo, o que é escola e na própria concepção do que é pesquisa. Em metade dos artigos publicados nesse dossiê, o cotidiano foi explanado como uma das palavras-chave e os pesquisadores que atuam nessa perspectiva entendem que currículos, formação de professores e pesquisa se produzem engendrados nas múltiplas redes de conhecimentos que circulam *dentrofora* das escolas. Assim, defendem que os professores tenham garantidos *espaçotempos* coletivos de formação para interrogar os usos que fazem dos artefatos culturais (diretrizes curriculares, livros didáticos e outros), bem como para compartilhar e produzir novos-outros saberes.

=====

No dossiê do ano seguinte, 2013, a problematização das formas de regulação das políticas educacionais com enfoques gerencialista e neoliberal – que defendem um modelo de gestão voltado ao eficientismo, à avaliação, à performatividade, a *accountability* como a solução para todos os males da educação – ressoou como um grande foco das diversas pesquisas. Desse modo, os autores denunciaram as políticas curriculares baseadas no controle e na regulação dos professores dentro de uma lógica capitalística de profissionalidade e identidade docente que envolve a relação público-privado entre outras peças que movem a engrenagem de sujeição (LAZZARATO, 2006, 2014) curricular às lógicas mercadológicas.

Nesse sentido, tanto as instituições de Educação Básica como as universidades foram trazidas à cena em um território de disputas sobre o que é estabelecido como conhecimento válido, ensino “apropriado”, valores comparativos e os efeitos dessas forças na vida cotidiana dos membros do corpo docente e discente. Assim, em diferentes vertentes teórico-epistemológicas, os pesquisadores salientaram diversos movimentos que compõem a tessitura cíclica das políticas educacionais de controle (inclusive o conservadorismo – em suas diversas roupagens, presente em várias instituições – com impacto crescente na política do conhecimento em vários países).

Muitas enunciações foram evocadas para tecer críticas e resistências às políticas educacionais com ênfase em currículos centralizados e regulados por mecanismos de avaliação padronizada, vinculados a modelos baseados na gestão pública, na performatividade, nos indicadores das avaliações em larga escala que vêm assumindo as identidades e os rostos (DELEUZE; PARNET, 1998) curriculares das escolas. Nesse direcionamento, os pesquisadores buscam, por meio das suas produções, provocar uma fissura no engessamento de um tripé organizado pelas avaliações externas, pelos currículos oficiais e pela formatação docente ancorada na lógica neoliberal.

O dossiê de 2014, intitulado *Debates em torno das ideias de Bases Curriculares Nacionais*, trata da complexidade que envolve as discussões sobre as políticas de controle curricular em curso em diferentes países e dos movimentos que envolvem a defesa da Base Nacional Comum Curricular. Nesse contexto, os artigos selecionados problematizam os múltiplos sentidos de currículo, a relação da ideia de base comum para currículos com as políticas de avaliação padronizada e standardizada, as articulações dos agentes públicos com grupos privados que criam novas formas de sociabilidade política e, ainda, questionam e

argumentam que a ideia de centralização curricular pode ampliar a desigualdade social. A defesa do cotidiano como *espaçotempo* de produção curricular, a autonomia e autoria de professores e alunos nos diferentes projetos curriculares das escolas predominaram nesses textos.

No dossiê seguinte, os artigos enfatizaram a formação de professores como potente campo imbricado ao currículo (especialmente nas vertentes *críticas e pós-críticas*) de modo que, em 80% dos artigos, a formação de professores era uma das palavras-chave e um dos termos e conceitos fundamentais do texto. Alguns desses autores percebem o currículo escolar de maneira imbricada com as relações de trabalho educativo que incidem sobre o contexto escolar e defendem as práticas de formação de professores como força do coletivo da escola e como política.

Alguns desses pesquisadores questionam os currículos centralizadores coengendrados aos conceitos identitários e as representações de profissionalização docente constantes nas pautas nacionais e nos respectivos instrumentos de manutenção e controle. Nesse sentido, provocam questionamentos sobre alguns fundamentos que orientam propostas de formação/profissionalização docente. Ressaltam que os enunciados não estão previamente colocados para que possam parecer imutáveis.

Assim, desterritorializam as contingências que tornaram possível a fixação da ideia de profissionalidade docente vinculada ao social, e algumas dessas perspectivas defendem as práticas de formação que investem na produção cotidiana das escolas, na potência da vida, nos saberes docentes e no coletivo em uma produção solidária em que são produzidos os currículos e as escolas cotidianamente, expandindo, assim, as possibilidades de trair, inventivamente, as expectativas instituídas e de fazer borros nas rostidades tracejadas.

O entendimento de que política é prática e prática é política também teve ressonância no último dossiê analisado (2016), a partir dos estudos que foram publicados em coro com uma campanha proposta pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Esse movimento foi nomeado como “Aqui já tem currículo”, no qual as diversas instituições escolares foram convidadas a demonstrar o que já produzem nas danças curriculares cotidianas, compondo, assim, um bloco de resistência a uma política de

=====

centralização curricular e de formação docente formatada no documento “Base Nacional Comum Curricular” (BNCC).

Nesse mesmo fluxo de forças, percebemos muitos autores que concebem o currículo como fenômeno que perpassa e vai além do que pode ser percebido nos textos oficiais concernentes às orientações das Secretarias estaduais, municipais e demais propostas escolares. Esses pesquisadores defendem produções curriculares cotidianas como: possibilidade de justiça cognitiva e de justiça social; território de disputa, artefato social e cultural; campo que não é neutro, nem de transmissão desinteressada do conhecimento social, entre tantos outros. Nesse direcionamento, apontaram que, ao trazerem para as escolas perguntas dinâmicas e complexas que vão além dos conteúdos preestabelecidos, e por vezes neoconservadores, alunos e professores repensam processos de ensinar-aprender.

Em muitos textos analisados, os escritores ressaltam que a avaliação tem assumido o papel central para efetivar a regulação do currículo e, conseqüentemente, o controle da formação docente e discente. Assim, o campo da formação de professores vem sendo tensionado pelo cenário das políticas de avaliação em larga escala e de centralização e padronização curricular.

Entre linhas desejantes, percebemos movimentos desterritorializantes que criaram tensões no currículo-regulação nomeado “Base Nacional Comum Curricular” e que propuseram *linhas de fuga* às linhas enrijecidas identitárias, coadunando com os processos inventivos de professores e de alunos e propagando, desse modo, *o que pode um corpo* coletivo, local, por meio da mobilização da campanha como acontecimento político e da veiculação dessas problematizações nas pesquisas (que também são ações políticas) evidenciadas no dossiê (DELEUZE; PARNET, 1998).

Nesse sentido, lembrando, com Deleuze (2010), que política é possibilidade, acontecimento e singularidade, questionamos: que multiplicidades estão presentes nas políticas curriculares expressas nas enunciações? Percebemos formas e forças que se entrecruzam no campo das políticas curriculares entre movimentos dissonantes dos pesquisadores do campo, a partir de concepções díspares e com aproximações entre o que seria educação, currículo, política e formação docente.

Nessas paisagens movediças e provisoriamente territorializantes, consideramos que as enunciações que entrecruzam os textos publicados nos periódicos *e-Curriculum organizados pela ABdC* são múltiplas, híbridas, e diversos modos de *pensar/fazer* políticas curriculares, currículos e formação de professores vêm se delineando por meio dos enunciados apresentados no campo. Esperamos que esse movimento multicolorido de forças e fluxos e de diferenças de ideias que rasuram os modelos/moldes discursivos das enunciações cíclicas capitalísticas continue a agenciar outros/novos sentidos e a multiplicar as invenções curriculares e os processos formativos.

5 EM MOVIMENTOS SEM FIM...

Durante esta trajetória, objetivamos, a partir do diálogo com a filosofia da diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari, capturar as enunciações evidenciadas nos dossiês da ABdC publicados na Revista *e-Curriculum* – desde o início dessas publicações até 2016 – por meio de um acompanhamento cartográfico discursivo que entrecruza formas e forças que afetam as *praticaspolíticas* curriculares, ao compor relações de aproximação e de afastamento entre os complexos fios que tecem essas singulares e múltiplas enunciações.

Desse modo, percebemos que as temáticas dos dossiês da ABdC, explicitadas neste artigo, estavam em conformidade com os temas de debate propostos pela Revista *e-Curriculum* como um todo, entre os quais: políticas públicas de educação, formação de educadores, conhecimento e cultura, avaliação, entre outros. Considerando especificamente os dossiês da ABdC, evidenciamos a força dos conceitos de currículo, de formação de professores e de política, não apenas nos eixos temáticos e títulos propostos, mas também como preponderantes nas palavras-chave dos resumos e como conceito principal em que os textos se fundamentaram.

Na análise de pesquisa, podemos ressaltar a relação profícua das temáticas escolhidas pela ABdC com os debates sociopolíticos relevantes no contexto contemporâneo educacional, não se esquivando das discussões sobre avaliações em larga escala, gerencialismo e outros conceitos que delineiam um padrão de origem e finalidade na lógica cíclica capitalística curricular que tenta estancar os fluxos das singularidades e da diferença. Fazemos a inferência do viés currículo-política com base em vários dossiês, nos quais práticas como

=====

“Aqui já tem currículo!”, por exemplo, foram salientadas como um modo de resistência a um pacote neoliberal em evidência: a Base Nacional Comum Curricular. Esse movimento intensivo e inventivo provoca fissuras, dando possibilidades para os escapes e criando composições de processos de diferenciação entre as múltiplas *praticaspolíticas* curriculares e de formação de professores.

Por meio das enunciações agenciadas, percebemos as relações de poder, no campo teórico-epistemológico, nas quais se destacam as *teorias críticas* e *pós-críticas* e uma parcela de pesquisadores que, intencionalmente ou não, fazem hibridizar os teóricos de ambas as categorizações em seus textos, fazendo conexão entre fluxos diversos. Evidenciamos, no escopo epistemológico, a força das *teorias pós-críticas*, especialmente as *teorias pós-estruturalistas* embasadas na teoria do discurso de Laclau e/ou no ciclo de políticas de Ball e secundariamente nos estudos com os cotidianos.

A partir dos dados produzidos, salientamos: a expressiva participação do Estado do Rio de Janeiro, no que tange à vinculação institucional dos autores dos artigos; a participação pouco expressiva das Regiões Sul e Nordeste; e a não participação das Regiões Centro-Oeste e Norte. Nessa mesma composição de poder-saber, que agencia as enunciações e as produções de subjetividades coletivas no campo curricular, salientamos que, das oito referências mais citadas pelos autores dos artigos, metade era de pesquisadores vinculados à Uerj e a outra metade consistia em autores renomados internacionalmente.

Nesse mesmo direcionamento, enfatizamos que, das 24 estratégias metodológicas elencadas nas pesquisas, apenas três representaram mais de 60% dos artigos: estudos documental-bibliográficos, ensaios e pesquisas que utilizam as narrativas/conversas como principal procedimento metodológico. As duas primeiras categorizações associadas a todas as outras abordagens que também não requeriam pesquisa de campo totalizaram quase 50% de todos os artigos publicados.

A partir de Gilles Deleuze e Félix Guattari, não trazemos respostas, contudo compusemos com novas perguntas que surgiram no encontro com os 50 textos publicados nos dossiês da ABdC na *e-Curriculum*: quais cenários se entrecruzam como força-forma para que alguns autores nacionais e internacionais sejam preponderantemente citados como referências nesses textos? Por que não há autores vinculados a instituições localizadas nas

Regiões Centro-Oeste e Norte? Quais composições (des)(re)territorializantes são agenciadas nas relações de forças-formas desse campo para que algumas epistemologias continuem a vibrar nas produções de subjetividade e discursos de verdade de modo tão intenso? Que possibilidades de vida, novas composições curriculares e de formação de professores serão inventadas a partir dos agenciamentos coletivos engendrados por meio das enunciações expressas nas publicações da Revista *e-Curriculum*? Por fim, diante desse emaranhado de questões, como fazer ressoar o pensamento-diferença para movimentar ainda mais o campo curricular entre currículos e formação de professores como *micromacro* de políticas educacionais?

A filosofia da diferença convida-nos a sermos artistas e poetas que inventam currículos nômades, que se constituem por meio de encontros, de afetos e de afecções no plano de composição da vida. Currículos-experiências que não se deixam aprisionar por planos homogêneos e universais com medidas avaliativas comparativas, porque currículo-vida se produz no coengendramento. Assim, a potência da diferença está nos agenciamentos coletivos de enunciação que se delineiam nos corpos sem órgãos – espaço infinito que está sempre em processo de produção e de metamorfose – inventados nos movimentos e nas relações estabelecidas nos diferentes cotidianos.

=====

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1195-1212, out./dez. 2010. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302010000400008>

CARVALHO, Janete Magalhães. **Práticas discursivas sobre currículo da comunidade acadêmico-científica vinculada às associações do campo e veiculada em periódicos nacionais e internacional**. Vitória/ES: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); PPGE/Ufes, 2015.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 2. ed. São Paulo: 34, 2010.

_____. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. São Paulo: 34, 1996. v. 3.

_____; _____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: 34, 1997. v. 1.

_____; _____. **Kafka: por uma literatura menor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

FOUCAULT, Michel. Entrevista a Alexandre Fontana. In: _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 12-13.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. 2. ed. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: 34, 2012.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**. Tradução de Leonora Corsini. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. **Signos, máquinas, subjetividades**. Tradução de Paulo Domenech Oneto com a colaboração de Hortência Lencastre. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2014.

LOPES, Alice Casimiro. Teorias pós-críticas, política e currículo. **Educação Sociedade & Culturas**, Porto, n. 39, p. 7-23, 2013.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Teorias de currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da Silva. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

ⁱ Projeto coordenado pela Prof.^a Dr.^a Janete Magalhães Carvalho (PQAD), financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

ⁱⁱ A ABdC é uma entidade acadêmico-científica recente no cenário brasileiro, cujo campo de lutas ocorre em dupla dimensão: propor uma organização aberta e democrática às políticas curriculares em ação e opor-se às estruturas organizacionais curriculares verticalmente orientadas. Conforme consta de seu Estatuto, é uma associação civil sem fins lucrativos e econômicos, caracterizando-se como pessoa jurídica de direito privado. Foi criada no dia 8 de junho de 2011, com o intuito de agregar “[...] profissionais de pesquisa, de docência, de planejamento, de gestão e de extensão no campo do currículo” (CARVALHO, 2015, p. 9).

ⁱⁱⁱ O período abarca o ano de início das publicações organizadas pela ABdC.

^{iv} Esses termos aparecem juntos para indicar que esses processos se dão imbricados um ao outro. Entendemos políticas como práticas coletivas, que se constituem em contextos cotidianos nas múltiplas relações estabelecidas entre os “praticantes ordinários” nas redes cotidianas de conhecimentos e significações (ALVES, 2010).

^v A expressão “teorias pós-críticas” é utilizada para fazer referência às teorias que questionam as bases das *teorias críticas*. Dentro das teorias “pós-críticas”, inserem-se termos como pós-estrutural, pós-colonial, pós-moderno, pós-fundacional e pós-marxista (LOPES, 2013). Nas *teorias pós-críticas* o poder está pulverizado e, desse modo, ao invés de se falar em localizações do poder, fala-se em relações de poder (SILVA, 2011).

^{vi} Há diferentes abordagens epistemológicas de pesquisas com os cotidianos. Entretanto, todas as pesquisas com os cotidianos elencadas dentro dessa porcentagem são de vertente pós-crítica.

^{vii} A expressão “teorias críticas” refere-se às concepções epistemológicas que criticaram as abordagens tradicionais, o eficientismo social, a escola nova, o tecnicismo, entre outras vertentes epistemológicas no campo educacional. Nas *teorias críticas*, questiona-se a quem interessam determinados processos de legitimação de conhecimentos em detrimento de outros, considerando-se a determinação da sociedade de classes e a reprodução do *status quo*, inclusive, pelo currículo escolar (LOPES; MACEDO, 2011). Essas teorias são influenciadas pelo marxismo, pela Escola de Frankfurt e por alguns aspectos da fenomenologia no campo do currículo, no qual o poder e a ideologia são destacados (LOPES, 2013).

^{viii} Colocamos no gráfico apenas as abordagens que apareceram em pelo menos dois artigos.

^{ix} Um dos artigos apresentou a utilização de questionários, entrevistas, grupos focais, análise de documentos e observação na mesma pesquisa. O(a) autor (a) não nomeou a metodologia em nenhuma das categorizações e nem deixou evidências textuais para que fosse possível elencá-la em algumas das abordagens traçadas.

^x Em um artigo, as estratégias metodológicas não foram suficientemente detalhadas para que fosse possível inserir o estudo em alguma categoria.